

O busto aberto político

Em 2011, a revista "Time" elegu como a pessoa do ano o ser que protesta, "The Protester". De fato, tal ação foi amplamente verificada no ano que se passou, como exemplifica a "Primavera Árabe". Nesta, milhares de pessoas lutaram pelos seus direitos e exigiam algo que muitos parecem ter esquecido: participação política.

Entretanto, enquanto muitos árabes lutam por seus direitos políticos, o mundo ocidental parece ter descartado tal conquista, tratando-a como um objeto substituível por outras coisas que preenchem o vazio ali estabelecido.

Nesse ínterim, a tese do sociólogo Zygmunt Bauman parece se concretizar: as coisas são tão superficiais e passageiras e as pessoas são tão sedentas por consumo que elas preferem ~~ter~~ substituir qualquer ambição abstrata qualquer ambição política dentro delas e substituí-las por forças não-políticas voláteis, como o mercado financeiro e o consumo.

A descrença, ou substituição, de um direito político demonstra a desistência do homem enquanto ser que participa e se identifica a um senso coletivo. Este homem tem outros interesses agora: prefere tocar o indispensável (a política) pelo dispensável e supérfluo (simbolizado em seu ávido desejo de consumo).

Nesse ínterim processo de "coificação" da política, o homem moderno demonstra sua descrença em um senso coletivo que batalha por um ideal e objetiva mudar a sociedade, invalidando a função da "ferramenta" política.

Tal descrença contribui para a estruturação de uma sociedade permissiva e confermada, que esquece suas conquistas coletivas e prefere viver através de sua própria "política": desigual, individualista e terrivelmente vazia.

Os gregos e os políticos

Nos tempos das antigas repúblicas gregas, os cidadãos praticantes da democracia exerciam o poder diretamente e obrigavam os seus representantes a decidir, promulgar e cumprir deveres e a estabelecer deveres. Nos tempos modernos, os políticos foram forçados a temporizar e a cristalizar os seus poderes na "opinião da maioria". Pedro Bala e a República Brasileira começaram a história heroica de sua pátria sua vocação para lutar pelas causas do povo: "O que há em comum entre os grupos democráticos e os sistemas eleitorais dos governos marginalizados? O ideal indispensável da participação política é como não se engajar na necessidade da conjugação social exigida por certos políticos que, de tem de limites e que preservam direitos? Como não se sentir que a consciência social só é possível se houver a participação política como modo de expressão unívoca? A participação política é, então, o principal, o mais eficiente aliado público no andamento social.

Isso porque a forma mais segura de se garantir a satisfação social e seu emprego para a progressão são comunicaria é promovendo a representatividade associada a imagem política. Se assim não fosse, como explicaríamos os resultados obtidos com a Revolução Francesa e a Revolução Russa? Injustiçado, o povo em armas é capaz de tomar ruas, acelerar guilhotinas, pintar a face e estrabuzar "impachumi" até que melhor se ajustem as condições de sobrevivência em sociedade. Exemplo disso, é a Primavera Árabe e integ da mo frol de 2010 — quando um jovem tunisiano ateu fogo ao próprio corpo depois de ser impedido de comos e ligar suas frutas no feir local. Em cascata países vizinhos a Tunísia viram seus ditadores serem arrastados dos tronos ocupados a décadas pelo vira de povos que disputaram para a participação política depois de anos de submissão e propagação de injustiças.

Mas não só para fazer revoluções e aticar revoltas a participação política é valiosa, também para expontar a anomia e fazer disputar a criticidade. Anomia porque a desordem na política é tão comum quanto são os casos de corrupção e vislumbramento com o poder que alguns cargos políticos conferem. No entanto, deve partir daí o maior desejo de rebelação e exigência da justiça por meio do engajamento político. Frustrada a população brasileira voltou as suas casas depois de se pensar em processo e umas exigindo o direito do voto direto para a eleição presidencial, logo no fim do regime militar. A eleição não foi direta, mas nem por isso a maior parte do povo brasileiro deixou de ir às urnas para eleger seus candidatos nas demais eleições e renovar a cidadania. Que o digam os jovens que iniciam a prática do voto logo aos 16 anos! A vida nas grades curriculares das escolas que apertam seus horários e encaixam também disciplinas que aguçam o pensamento político, como filosofia e sociologia.

Vê-se, assim, que a participação política é antes uma prática fundamental na engrunagem social moderna que um passadismo ou uma situação superada. Para desmontar a importância da participação política seria necessário, ainda, considerar que o bem estar do homem não é a prioridade do estabelecimento social. Mas como criar uma sociedade sem homens e mulheres que a representem? Não criando, substituindo carnes e ossos por stacas, índias e mercados. Menos imaginação que a personagem de Pedro Bala e mais atual que as engomerações gregas, a sociedade moderna também prescinde da participação política.

Apolíticos ou desinteressados?

Anistoteles recebeu, sem dúvida, fundamental influência de seu mestre Platão, autor de "A República", durante sua formação. A paideia, conceito grego de educação, (bréia Antiga) era muito mais amplo do que o processo de escolarização atual, e incitava os cidadãos da pólis grega à participação de vida pública, de modo que o termo "idiota" se originou neste ambiente. No entanto, passados pouco mais de dois milênios, que ocorre com a formação dos novos cidadãos? Não é raro deparar-se com jovens apolíticos ou desinteressados na vida pública e constantemente preocupados consigo mesmos. Háverá

Sapientista postula que "somos filhos da época", ou seja, esboça a ideia de que existe algum determinismo sócio-histórico. Neste sentido, algo deve ocorrer para que os "filhos da época" tenham uma tendência apolítica. Possivelmente algo presente na educação, e além, na educação enquanto formação dos sujeitos, das subjetividades.

O sociólogo E. Durkheim afirma que há interesses financeiros regulando fortemente as instituições políticas, esvaziando-as de sua verdadeira finalidade. Assim o autor sugere a liquidez das relações sociais na (pós)modernidade, em que impera o "princípio de prazer" (conceito freudiano), na busca incessante de satisfação e principalmente através do consumo. Analogamente, Nélio Sérgio Lortella alerta de forma contundente que os jovens de hoje "saciam o futuro por antecipação", se esgotando (e esgotando os recursos naturais) freneticamente no que ele chama de inversão do verdadeiro sentido de expressão "carpe diem", ou seja, buscam o prazer a toda hora, sem pensar as consequências futuras.

Assim sendo, parece não se existir uma força econômica por trás da ciência política, mas por de trás de tal o processo de formação dos indivíduos, especialmente em uma sociedade capitalista. Portanto se faz pertinente questionar força econômica esta que se apresenta imbuída de uma ideologia específica (pautada no hedonismo). Portanto se faz pertinente questionar como é possível engajar-se na vida pública, se a educação escolar (explícita ou implicitamente) incita a competição e se as pais, desde tenra idade estimulam o máximo desempenho individual para que os filhos se sobressaiam perante os outros, e consigam angariar para si benefícios em uma sociedade onde os diretores se tornam privilégios? É sem dúvida, preciso um esforço sobrenatural, e principalmente para se formar enquanto sujeito (Nélio de Durkheim, outros como Paulo Freire já trataram do tema da alienação dos) pois o político é primeiramente um sujeito. Nélio de Durkheim, outros como Paulo Freire já trataram do tema da alienação dos indivíduos. É este último colosso na educação, enquanto conscientização, o papel de possibilitar a cada um, que se faça o autor de sua própria história. Logo o elma histórico e política para no próprio trajeto de vida das pessoas, e se acentua da política é se acentua do próprio curso de vida.

Sim, até o silêncio tem um eco político, pois se acentua e deixa que outros decidam por si, é um posicionamento político, embora lamentável. Portanto, para tomar as rédeas da vida nas mãos, é preciso se engajar no que é público e para tanto necessário se faz questionar o modo de viver que se adota e sua finalidade. Porque enquanto a finalidade da vida se pautar pelo interesse privado e prazer individual, jamais a ciência política estabelecerá como finalidade "o bem do homem", estando à mercê de interesses financeiros e da força do capital.

hacia-se de Cidades

Cientistas políticos notaram que a consolidação das instituições democráticas ocorre diminuindo a frequência de plebiscitos ou outros formas de participação política popular extraparlamentar. O fato foi tomado, inconscientemente, por muitos, como a suposição gradual da participação política, que nos levava ao surgimento de tecnocracias; a realidade, porém, é outra: não há diminuição da relevância da participação política, ocorre que a solidificação democrática refina em participação, aumentando o poder e a importância do voto, claramente indicando a indispensabilidade das eleições.

Em uma realidade globalizada, neoliberal, vemos emergir o capital como dirigente supremo da organização social, seja através da política "tradicional" com os "lobbies" promovidos por grandes corporações, ou pela influência midiática dos operadores. A incapacidade dos governos atuais de balancear os interesses do bem comum, equilibra as liberdades capitalistas com as necessidades dos camadas sociais mais baixas cria uma população cética perante as instituições políticas em geral.

A "despolíticação" (Brecht chamava de "analfabetização") da sociedade aumenta o vácuo entre os ações estatais e a vontade do povo, deixando o homem médio a mercê do corporativismo: afastado da política ele perde sua única possibilidade de defender seus interesses e direitos, bem como sua última chance de alterar (ou ao menos discutir) a ordem vigente e, conseqüentemente, sua realidade diária.

Entendendo-se a política como a busca do bem comum, como a defesa dos pequenos contra os maiores, da supremacia do justo sobre o injusto, como desejo do equilíbrio entre interesses e direitos diversos, rejeitando estender um *laissez-faire* a todos os quotas sociais e a barbárie a que seríamos levados, vislumbra-se a participação política não apenas como um direito cada vez mais importante, mas também como uma necessidade imprescindível, um dever.

O Grande Poder do Cidadão

O homem, a partir do momento em que começa a viver em sociedade, deve ter o interesse de se posicionar politicamente, pois suas ações têm desdobramentos políticos, assim como a política interfere de forma direta ou indireta em seu cotidiano. Ignorando-a o homem não assume completamente seu papel de agente político e se torna refém da conjuntura e dos interesses alheios que o circundam.

Em um mundo globalizado, a força política do indivíduo rompe os barriers dos estados nacionais. Segundo sustenta A o sociólogo A. Giddens, um consumidor no simples ato de escolher um determinado produto influencia os negócios de mercado; estes estão cada vez mais fortemente ligados às decisões políticas dos estados. O sucesso de um produto em determinado país pode, por exemplo, atrair multinacionais que necessitarão de empregados qualificados e a serem formados através de políticas públicas.

Além ~~disto~~ dessa forma de influência, o cidadão, em um estado democrático, tem outras possibilidades. Sob o regime político representativo, o homem politizado tem o conhecimento necessário para eleger bons representantes. Enquanto os alienados perpetuam a desconexão na política elegendo políticos incapazes.

A mesma alienação dá margem à corrupção, seu principal óbice perante a política; pois, não sendo fiscalizado quanto a sua ideologia partidária, o político se encontra mais livre para jogar com sua influência e obter benefícios pessoais. Essa tendência é evidenciada pelo crescente número de partidos no Brasil que é acompanhado pela crescente falta de ideologia deles.

Fronte ao descontentamento com a política, o cidadão deve conhecer seu poder e se sentir responsável pela mudança. Tendo-a em vista, é preciso saber que o político não elige bons políticos, assim como amadores não formam profissionais.

É muito comum ouvir da boca de jovens hoje em dia que são apolíticos ou que a política não os diz respeito. Ainda assim, o Brasil possui um gigante movimento estudantil que participa das mais variadas discussões e lutas. É possível não ser engajado - seja por preguiça ou acomodação - mas apolítico nunca. A política está presente em todo e qualquer detalhe da vida econômica e social, ela é indispensável e ser apolítico é uma ilusão.

Há, sim, um processo de abandono das instituições representativas, e esse processo, na realidade, não preocupa tais instituições (é quase encorajado por elas). É como uma política de pão e circo. Distribuir o pão (com uma discaldrada logo de Hando em nossas mãos, por exemplo) para agir dispensável. E assim, acreditando-se dispensáveis, surgem os políticos corruptos. Nesta "terra de ninguém", há quem se importe? É um ciclo vicioso. Muitas pessoas têm desdém pela política por serem que não são corruptos, que todo político se aproveita dos impostos pagos com o seu salário de contribuinte, e por isso não se envolvem. E esse não envolvimento é encorajado por aqueles que se aproveitam dele.

Além disso, a política é distante, inacessível. Ela deveria ser do povo e o cidadão agir para o povo. Mas um povo sem oportunidades e sem acesso a uma educação precária nem sabe disso. Ele se o político com um pedetial, longe de sua realidade. Hoje em dia, participar de lutas sociais é desvalorizado. Valor se dá a ascender socialmente, ter poder de consumo, ignorar os políticos porque são todos iguais, uns corruptos. No entanto, se não houver interesse, a situação não vai mudar.

A política pode estar distante, mas a falta de participação do jovem é acomodação. Se ele está incomodado com tamanha corrupção que vê nos jornais, que aja contra ela (e veja bem, reavivar o movimento das caras pintadas fazendo cara feia na Avenida Paulista como aconteceu recentemente não é bom agir - mas talvez seja um começo). Os problemas sociais são gritantes e extremamente visíveis. Cobrar que o governo, tão distante, os resolva é como não fazer nada. Há um certo preconceito com ONGs e instituições que agem pontualmente, pois seria como "remendar" a política. Mas se ela está tão estrada assim, que a remendemos tudo! Há também o preconceito com a luta social, com o metroviário em greve que nos faz chegar atrasados no trabalho, com os trabalhadores que param o trânsito. Porque, em vez de ouvir, não se tenta entender o motivo de tal manifestação? O jovem que ouve tanto é o mesmo que mal sabe sobre o movimento estudantil. Que ele o conheça, então, para que, se continuar discordando possa entrar na luta. E assim, desde cedo e sem parar, participe politicamente e não veja a política tão distante.

Clamar por uma educação que encoraja a participação política (e não a ascensão social) é tão ingênuo e comum quanto afirmar que o jovem é o futuro da nação. No entanto, o interesse deve partir dos dois lados. A política é indispensável e ninguém é apolítico. Apenas desinteressado.

Política: nossa imagem lá fora

01
02
03
04
05
06
07
08

Passamos a dar mais valor a algo quando o perdemos. Este conhecimento popular, muitas vezes aplicado a relacionamentos pessoais, pode certamente também ser aplicado a nossos direitos políticos. Na época da ditadura militar no Brasil, quando a repressão e a censura reinavam, havia luta armada pela liberdade de expressão e de voto. Hoje, porém, em plena democracia e com o direito de voto universal, são muito poucas as realmente envolvidas na política. Será, então, mesmo necessária a participação do povo na gestão do país? E se sim, como fazer com que as pessoas entendam a real importância da política?

09
10
11
12
13
14
15

A resposta para a primeira pergunta é sim. O modelo ditatorial, que concentra todo o poder numa só pessoa, já provou diversas vezes não ser capaz de oferecer dignidade e boas condições de vida a todo o povo. Este, portanto, deve sim abraçar seus direitos políticos e exercê-los com sabedoria. O ponto é: com sabedoria. O que significa não escolher a si mesmo (ou pior: escolher de acordo com a maioria) alguma candidatura, apenas para livrar-se da obrigação, mas analisar cuidadosamente as propostas de cada um e selecionar aquelas cujas ideias se aproximam e correspondem às suas. É preciso manter em mente que o escolhido representará, diante do país e do mundo, o vontade do povo, e portanto a escolha deve ser muito premeditada. O que geralmente não acontece.

16
17
18
19
20
21
22
23
24
25

Buquê: apesar de muitas razões (e talvez falta de tempo) é a maior justificativa para o desinteresse da população brasileira em assuntos políticos. Afinal, são dezenas de partidos, centenas de candidaturas e milhares de propostas a serem consideradas, além de inúmeros cargos a serem preenchidos. E a maioria das pessoas sequer sabe quais cargos e para que servem. Ou seja: tornou-se um assunto complicadíssimo, estudado a fundo por especialistas. Como pode-se esperar que um cidadão comum, preocupado com sua vida pessoal e seu emprego, entenda-o por completo? O fato é que talvez tenhamos chegado a um ponto em que seja necessária uma real "limpeza política": reduzir o número de partidos, selecionar previamente os candidatos (como nas eleições americanas) e apresentar mais claramente as propostas. Simplificando assim, talvez mais pessoas assimilassem e se interessassem pelas questões políticas. Caso contrário, estaremos a caminho de, por inércia, perdermos novamente nossa liberdade.

26
27
28
29
30
31
32
33
34

Atualmente, muitos jovens adultos e adolescentes participam de redes sociais na internet, divulgando fotos, pensamentos e atualizando com frequência suas atividades. E o que é a política, afinal, senão um meio de comunicação, uma "rede social" entre países? Fazendo uma analogia, podemos dizer que nossos governantes organizam nosso país assim como nós organizamos nosso perfil na rede. E, em nenhum dos casos, há benefício em ser visto como corrupto, desleixado ou mal-organizado. De cada usuário brasileiro da, digamos, "facebook" dedicasse à política o mesmo tempo que à rede social, nossa consciência venceria infinitamente. E seríamos melhor vistos pelo resto do mundo.

Participação política em prol do bem comum

É notória a transferência de poder da esfera política para a econômica, como observou Zygmunt Bauman, uma vez que a globalização econômica ultrapassou barreiras políticas. Não obstante, em oposição a Bauman, que defende que há uma recuante diminuição ~~del~~ política nos questionamentos e papel dos políticos nos questionamentos e de seu papel na preparação do destino, a economia não é totalmente autônoma, mesmo em âmbito de liberalismo econômico, o que confere a não dispensabilidade da participação política.

Recentemente, com a crise financeira de 2008, viu-se membros desceus para manter a economia de seus países. Isto refere-se que a economia não é auto-suficiente, como defendem os Teóricos de Adam Smith. Além disso, movimentos como Ocupa Wall Street, mostram as insatisfações com o modelo econômico vigente e pressionam os governos para que este atue de forma mais eficaz no bem comum social, o qual a economia não garante com equidade. Nesse sentido, o empoderamento da sociedade em relação à política está que os interesses pluriclássicos dos que detêm a economia, substituem-se aos interesses comuns à sociedade.

A participação política dos cidadãos é também essencial para que o significado genuíno de política seja preservado - membros para garantir o bem comum e a harmonia, os níveis da política inquestionáveis e equitativa que se limita em membros para a manutenção do poder. Nesse sentido, o empoderamento político deve atuar também para se lidar com políticas e suas pretensões.

Em relação aos líderes, Max Weber em seu livro "Ciência e Política - Dois Vocábulos", discute sobre os tipos de líderes dos quais a sociedade dispõe - há políticos que vivem da política, os quais usufruem dos benefícios que ela oferece, como altos salários, auxílio transporte, etc, ~~pol~~ e usufruem de direitos públicos, seja na forma de passagens aéreas ou outros através de concessão de dinheiro, pelo que o poder lhes confere, e há os políticos, ~~o~~ em extinção, que vivem para a política, os quais almejam melhorias da sociedade. A participação política, portanto, é fundamental para que líderes comprometidos atuem na política.

Apregar-se a política ou dizer que política é "caixa de gente idiota" e, segundo o filósofo francês Jacques Castella, fechar-se em si e não se interessar pela vida no âmbito pessoal. Contudo, parafraseando B. Bruch, o pior analfabeta é o analfabeta político, que não se dá conta de que seus interesses pessoais são influenciados pelas decisões políticas. Assim, portanto, o político é de interesse comum e a participação política foge-se necessária para assegurar os interesses da sociedade, oportunizando assim o que Rousseau chamava de "voluntade" - o bem comum.

Equilíbrio dinâmico

Para criar uma civilização, a humanidade criou mecanismos auxiliares nesse processo, tais como tecnologia, religião e ciência. Dentro dessa última, a política é ferramenta social fundamental à ordem do coletivo. Assim, o fruto do pensar antropológico que seu criador desde os remotos tempos nos quais o *Homo sapiens*, tal como conhece-se, surgiu.

A partir desse período, ele assume o caráter de criar, de legislar e de executar as leis. Nasce o ser "biopolítico", isto é, o indivíduo entendendo natural da prática política, como Michel Foucault, filósofo francês contemporâneo denominou. Porém, a área de abrangência do poder individual é restrita, o que leva ao litígio. Thomas Hobbes descreveu como sendo a guerra de todos contra todos, uma vez que o homem é o lobo do próprio homem.

Em face dessa limitação, faz-se necessária a vigilância daqueles praticantes ativos em todos tipos de regimes: monarquia, teocracia, autarquia, aristocracia, eocracia, tirania ou democracia. O triunfo da participação política, ainda que não seja pleno, é visto na filia de Atenas, na democracia. Nela os cidadãos atuam direta ou representativamente, corroborando a essência humana e a política na chamada "memor mal" dentro os males das formas governamentais.

Jodavia, não é apenas isso que se vê a interferência social no campo político. Exemplos como os Thevos, atuantes na Holanda da década de 60, e a Primavera Árabe atual ratificam a atemporalidade da ação. Além disso, é "sine qua non" ressaltar que fazer política não só é abalar conjunturas globais, mas também participar de uma associação de bairros, de passeatas, de marchas, de abaixo-assinados, de greves e de protestos offera o ser "biopolítico" que há.

Portanto, a participação na política é indispensável porque é da natureza antropológica exercê-la. Isso se dá nas diversas escalas, indo do contexto local ao mundial. Durante a história, vê-se exemplos que confirmam tal tese e que não contrariam que é humano, demasiado humano o desejo de intervenção nesse equilíbrio dinâmico que é a política.

O Paradoxo da Participação Política no Mundo Globalizado

A sociedade globalizada se caracteriza por várias paradoxos, entre os quais o paradoxo da participação política. O período atual é marcado por uma quantidade, limitação de informação e de interação social e por uma liberdade iguais vista na história moderna ocidental. No entanto, o homem contemporâneo cada vez mais delega decisões políticas à organizações a versão de democracia, enquanto se volta à própria individualidade.

Com efeito, a facilidade de comunicação proporcionada pelas redes sociais permite reunir pessoas em torno de um interesse comum, independente das distâncias geográficas, possibilitando transformar uma ideia isolada em um ativismo coletivo, ao mesmo tempo em que tais ideias podem ser cada vez mais debatidas e embasadas em razão da quantidade de informações disponíveis. Grupos ideológicos minoritários como o teus, Voigturianos e defensores de animais conseguem se reunir, a partir destes ferramentas, fazendo um "boas" desproporcional ao seu tamanho e trazendo para pauta suas ideias.

O uso político da tecnologia, entre tanto, ainda é uma exceção. A inexistência de fronteiras de mundo digital tem sido utilizada prioritariamente para dar voz a sentimentos primitivos, ao Id, a energia pulsante do ser humano. De novo, ao invés de servir como ferramenta de transformação política, a tecnologia apenas retrata a condição de alienação do homem moderno, uma vez que sua utilização é predominante em áreas como sexo, "cultura", pop e consumo de mercadorias e serviços. Esse vácuo participativo vem sendo preenchido por instituições voltadas justamente para manutenção dessa lógica reversa de alienação e consumismo os quais atribuem-se o sufocamento mercúrio, uma entidade onipresente e onisciente que interfere em cada aspecto de nossas vidas, tomando conta das relações sociais e fazendo prevalecer seus interesses. O documento anual brasileiro é sintomático dessa ocupação de espaço. Cerca de metade da execução é utilizada no pagamento de diversos benefícios.

O paradoxo é visível e óbvio: A maior liberdade, o maior facilidade de informação e de reunião não estão ocasionando uma maior participação política. O contrário, está se produzindo. As ferramentas estão disponíveis, basta fazer-se uso delas e, para tanto, só é necessário um estopim. A primeira acesa já pode ter sido apenas o início dessa transformação.

O poder de poder

"O homem é um ser racional, social e político". Esta frase foi dita pelo filósofo grego Aristóteles que, por ter nascido na cidade de Estáquia, era um meteco (estrangeiro) em Atenas e não possuía direitos políticos. Cinda assim, ressaltava o quão importante era a participação do cidadão na tomada de decisões para o bom funcionamento da polis e também para a felicidade dos indivíduos, vista como a causa final do homem. Mais de dois mil anos após o fim da civilização grega clássica, vê-se o desinteresse da sociedade por assuntos relacionados à Política (sobretudo no Brasil): ela é vista como algo desinteressante ou relacionado à corrupção. No entanto, a participação política é indispensável para o coletivo e individual, por fazer valer o direito do cidadão e mudar os rumos da história da civilização.

Inúmeros são os exemplos históricos que evidenciam como o engajamento da sociedade no processo político transformou a realidade, por vezes opressiva ou autoritária, em outra mais adequada às necessidades e vontades populares. É o caso do impeachment do presidente Fernando Collor de Mello em 1992 da marcha pelos direitos civis nos Estados Unidos na década de 1960 e, mais remotamente, da Revolução Francesa de 1789. Assim sendo, torna-se evidente o fato de que a participação popular na política ^{modifica} ~~transforma~~ o cenário social para que a nova situação atenda ou procure atender a demanda do coletivo, num contexto mais democrático.

Na atualidade, o debate político se faz necessário com o finalidade de garantir que a vontade popular seja soberana. Questões como a construção da Uirapuru de Belo Monte no rio Xingu e a divisão de estados do Pará em Topo outros três suscitam opiniões diversas e quando efetivadas podem não ser benéficas a todos. Daí a urgência da participação popular para a tomada de decisões que lhe sejam mais pertinentes. Afinal, numa democracia representativa o coletivo e individual devem fazer com que seus pontos de vista sejam levados em conta para seu próprio bem-estar.

Embora a sociedade se desinteresse quando o assunto é Política, a participação no seu processo é indispensável, pois promove mudanças e faz valer a vontade do cidadão. Afinal, "o castigo dos que odeiam política é de serem governados por aqueles que a amam". É sem dúvida!

A sociedade unidimensional

Marcuse definiu os indivíduos incluídos na alimentação social como unidimensionais, dado que assente a sua experimentação subjetiva e integração social, e indivíduos deixa existir a sua criticidade em relações internas. Análoga a consideração de Marcuse é a atuação do indivíduo apolítico, que, unidimensional em sua criticidade e alienado em suas posições ideológicas, abdica de sua atuação política em prol de seu ~~relacionam~~ relacionismo confortável e apático.

Neste ponto, a história é prediça em não dimensionar o quais movimentos políticos que constituiram a organização de uma época são essenciais à dinâmica da história. Desde a Revolução Francesa (1789-1799), que se opôs ao parasitismo e corrupto absolutismo monárquico de seu período, até os movimentos de guerrilha no Brasil, que lutaram pela liberdade e pela queda da repressiva Regime Militar (1964-1980), o empacamento político demonstra-se um fator dispare para a implementação de significativas mudanças socio-políticas na história.

No entanto, hoje, na Era do consumismo exacerbado, o individualismo suplanta a atuação social e integrada. O modo de produção que se faz de agilmente e de maneira padronizada influencia amplamente a dinâmica social que se contrai superficial e indiferenciada. Os indivíduos manipulados pelo consumo e suas respectivas propagandas, não possuem a segurança subjetiva, dado que o ~~medicamento~~ medicamento vem com o unidialismo dos meios, que lhes conferiria uma criticidade de suminante na uma visão mesmo essencialista do consumo e mais plausível e coerente da política.

Dentre disto contexto, velumbrada a lógica social, ^{atual} em um país como o Brasil, em que a dualidade socio-econômica são evidentes e a política relapsa ao assunto, a alienação e o individualismo de consumo em detrimento à política torna-se aspectos de vital-níveis de que são ~~são~~ socio-políticas do país. Ocorre, portanto, um distanciamento da maioria da população em relação ~~ao consumo~~ à ação política, a que Aristóteles enalteceu como "bem de Remem"; e, portanto, a perpetuação de problemas nacionais que se estendem desde períodos mais antigos, como a fomentada corrupção e os abusos locais e interregionais.

Portanto, a conjuntura política atual, a exemplo do Brasil, demonstra-se ávida pela participação política indispensável de sua população. No entanto, em uma sociedade arrelatada, majoritariamente pelo consumo e, portanto, unidimensional, como preconizou Marcuse, e alienada em seu relacionismo apático, os problemas socio-econômicos tornam-se cíclicos e intercaíveis. Assim, deusa forma, em um ~~interim~~ interim em que ocorre a mitage de dos produtos consumíveis e a superficialidade social circundante.

Redação - FUVEST 2012

Consciência e participação política no Brasil

O Brasil sempre foi um país cuja população, histórica e ocasionalmente, se absteve dos debates e da participação política, sejam estes de quaisquer natureza. No entanto, a informação nunca esteve tão disseminada como no tempo atual, desafiando às pessoas a viabilidade de grupos de pessoas se informarem, se encontrarem e se mobilizarem.

Isso chegou ao Brasil, isso alcançou questões políticas no país, e isso começa a mudar o modo de a população brasileira atuar politicamente.

Ao mesmo tempo em que o país vê reduzir suas taxas de analfabetismo, os fenômenos do globalismo e das inclusões social e digital permitem a um número cada vez maior de pessoas terem acesso às informações sobre o que ocorre no mundo inteiro. Essas pessoas percebem que têm poder sobre a economia ao serem consumidores conscientes; percebem que as empresas de comunicações se posicionam ao transmitir e publicar notícias e informações; e percebem que elas têm opções de se posicionarem. Também - o que inclui o direito de se manifestarem a respeito se quiserem. As pessoas podem se unir para, pelo menos, tentarem mudar o que consideram importante para o bem coletivo. A ideia errônea de que a atitude e a participação política exigem afiliação a partidos políticos, com o interesse e o esclarecimento da população, passa a ser dissipada mesmo entre grupos de esclaudade mais baixa - e isso facilita e favorece um maior entusiasmo comunitário tanto em áreas mais distantes como nas aglomerações urbanas.

Ao mesmo tempo em que alguns indivíduos e comunidades têm crescentes consciência e iniciativa para agir e participar politicamente, existe um movimento "inverso", o de pessoas esclarecidas sobre os contextos políticos global no mundo e que não têm motivações pessoais para a mobilização, o debate ou qualquer ativismo político. Complicado é dizer que um indivíduo assim posicionado seja um "apático" (ou um "ignorante", como diz o personagem Homer - legenda, do cartunista Adão). Talvez ele seja um "idiota", lembrando de Costela e Ribeiro, que comentam o termo "idiota" a partir do "idiote" grego, o ser que vive fechado em si; porém, sendo um "idiota" descontentando-se o pejorativo do termo. Compreender o contexto e como a política funciona no mundo é muito importante para sabermos o lugar que ocupamos e realizarmos participações conscientes nos eventos que têm o poder de transformar a ordem social de comunidades, bairros, cidades, países. E todo evento contém esse poder. Qualquer pessoa pode, e é importante o esclarecimento de que existe a possibilidade de se tomar ou não uma atitude.

A PARTICIPAÇÃO POLÍTICA NA DINÂMICA PÓS-MODERNA: COTIDIANISMO E DESCAÇO

O surgimento da ciência política remonta à época da Antiguidade, ainda quando os gregos se organizavam em torno dos pólis e começavam a definir os primeiros conceitos de cidadania que, posteriormente, difundiram-se pelo mundo. É indiscutível a importância da política para a, então, formação da sociedade tal como ela é conhecida na contemporaneidade. A partir dela, foram definidos direitos e deveres e, ainda mais relevante, tornou-se possível a participação do povo nas decisões que dizem respeito à vida em comunidade.

Nota-se que a desmilitarização das relações políticas, ao longo da história, foi, substancialmente, importante para que os acontecimentos tornassem o rumo que lhes foi dado. Na pós-modernidade, porém, trata-se uma problemática notória em termos dessas relações: trata-se de descaço que se tem conferido à finalidade política. Ideias errôneas como "política é coisa de idiotas", ou ainda, "eles são todos corruptos", não são constantemente difundidas pela população que, alienada pelas generalizações e pelo ódio, vê-se com medo a ponto de se esquecer de que a política não depende apenas de um "líder", mas também de um "organismo vivo", denominado sociedade.

Discutir os papéis da política na pós-modernidade, sobretudo, torna-se uma tarefa árdua, porque a dimensão adquirida em detrimento da globalização. Com o desmoronamento da ideologia capitalista e das ideias econômicas fundamentais do neoliberalismo, nota-se que a função da política tem sido constantemente reduzida, em especial no âmbito da economia. A primeira "regra" do mercado - a não intervenção estatal na economia - já deixa explícito que, nesse aspecto, a política tem sido apagada, dando lugar ao comando dos agentes econômicos e da Organização Mundial do Comércio.

Observa-se, pois, que, ~~em~~ no contexto das relações modernas e de comodismo exacerbado, tem-se dado pouco valor à política que, por assim dizer, representa a porta de entrada de mudanças benéficas e justas. Dizer ter "apetite" significa, antes de mais nada, fujeirice de obrigações éticas e morais, deixando-se para trás a identidade da cidadania e afirmando-se o egoísmo ~~o egoísmo~~, característica típica da fugacidade egoísta contemporânea.

A participação política é, portanto, indispensável para que seja construído o alicerce de uma sociedade digna e produtiva, na qual o interesse individualista seja substituído pela coletividade. A despreocupação e o descaço são, apenas, fortes motivos para que a injustiça, a corrupção e a simulação continuem a ser aspectos frequentes e aparentes. A atuação do homem como cidadão é essencial para que se elevem os valores referentes ao desmoronamento explícito de uma vida sadia em comunidade.

Resgate do "político"

"O homem é um ser político", já dizia Aristóteles. Com efeito, uma das principais características que nos diferencia dos outros seres vivos é a nossa capacidade de tomar decisões que visem ao bem comum, levando a pólis à felicidade. Entretanto a lógica neoliberal, vigente no mundo pós-moderno, conduziu a sociedade para o caminho oposto, apresentando a participação política como algo já superado, num contexto que pressiona aos cidadãos o desejo de proclamarem-se "apolíticos", embora não devemos esquecer, visto que a participação política é indispensável para a organização da vida em sociedade.

Segundo o filósofo Zygmunt Bauman, o "obsoleto" que estão se tornando, na "modernidade líquida", não são eles que ligam os indivíduos individuais aos inteiros coletivos. De fato, com o domínio das grandes ideologias coletivas no século XX - o socialismo, o marxismo -, consolidou-se a lógica neoliberal, que difunde na sociedade o individualismo marxista, erigindo as ações coletivas e políticas, como os partidos políticos, os sindicatos etc. e que institui, como punição para o livre desenvolvimento do sistema mercantil, o Estado mínimo. Isso significa que as questões políticas locais acerca do bem comum ficam dependentes dos interesses das corporações privadas - não eleitas -, cujo meta é a maximização dos lucros, e não a felicidade do bem comum. As decisões, ainda, são tomadas no discurso politicamente correto, que não resolve os problemas estruturais da pólis e apenas assegura a perpetuação da lógica mercantil. Assim, neste contexto, o indivíduo, embora em seu individualismo, deixa de acreditar no potencial da participação política como transformadora da realidade.

A banalização do conceito de "político" não se verifica no âmbito ético, onde os cidadãos se reúnem na cidade para debater os assuntos referentes à pólis, acreditando no valor da cidadania política, compreendendo que, na verdade, todos os que possuem a política é uma compreensão holística e não limitada da participação política, que enxerga o fazer político como um fim para consigo e que Aristóteles chama de "bem do homem", e não como meio para se obter privilégios, que está cada vez mais enraizada no mundo atual.

Portanto a sociedade pós-moderna necessita resgatar o conceito clássico de política, o fim de entender que a participação política é indispensável para a elaboração de soluções para os problemas da pólis. Para isso, é necessário que os educadores, entre outros setores da sociedade, combatam a visão deturpada de que "política é coisa de idiota", e que é algo mais trabalhoso, a própria quadrada para a banalização, a lógica mercantil.

O regresso social reside na alienação política

Certa vez, quando questionado sobre seu posicionamento político, o diplomata e escritor Guimarães Rosa respondeu ser apolítico. Tal declaração vinda de um gênio da literatura causou espanto em muitos, eis que desde a Grécia antiga até hodiernamente a participação política dos povos cidadãos mostra-se fundamental à constituição de um Estado, uma vez que ela acarretará num plano piloto que designará quais serão os interesses estatais a serem buscados em prol de um dado povo e conforme as peculiaridades de uma dada nação.

No que tange ao Brasil, até 1984 houve necessidade de participação popular para se instaurar a democracia e, atualmente, a função de construir a história em nossa geração consiste na atuação real dos cidadãos a fim de se atingir a consolidação do Estado Social Democrático de Direito, o qual só é alcançado a partir de pessoas que exijam seus direitos e cobrem das instituições políticas, bem como de seus respectivos atores, o efetivo exercício de seus deveres enquanto governantes.

A despeito de ser inquestionável que vivemos em um tempo em que há muitos limites políticos, por conta do amplo liberalismo político em voga, o povo não pode se omitir aceitando a tudo como o fazem os alienados. Omitindo-se, os cidadãos perderão totalmente o controle dos rumos políticos, restando ao bel prazer dos atuais substitutos das instituições políticas: o FMI, o Banco Mundial e a OMC, instituições estas que defendem interesses econômicos de uma pequena aristocracia internacional, pouco se importando com políticas sociais ou com uma melhor distribuição de renda à população mundial.

A pensar-se a isso, é adigo que em tudo há política numa sociedade civilizada. Ela existe quando o cidadão atravessa a rua na faixa de pedestres, quando ele necessita de saída pública ou simplesmente quando utiliza água tratada e encanada em seu lar. Nesta arte, ainda que o indivíduo deseje ser apolítico ou alienado numa sociedade ocidental, é impossível afirmar que ele nunca se relacionará, direta ou indiretamente, com a política.

Nesse diapasão, mais do que inevitável, pois, é indispensável a participação política na sociedade contemporânea, seja porque a política está em tudo na civilização atual, seja porque é a participação popular que garantirá a soberania de um povo, conquistando-se, assim, direitos sociais e econômicos mais justos, ou efetivando-se, no caso do Brasil, um Estado Social Democrático real.

Sobre política e cidadania

Atualmente, muito se fala de política: nos veículos de mídia, por notícias, artigos de opinião e colunas sobre tal assunto, quer seja sobre seus aspectos técnicos ou práticos. A massa de informações disponíveis, contudo, sobre os acontecimentos políticos apresentados por boa parte da sociedade brasileira. A perpetuação de críticas sem embasamento e pepisitos ("eles são todos corruptos") e a ampla imbecilidade das que "não se metem em política" evidenciam a infelicidade da participação política real.

Neste contexto, em que o valor dos compromissos políticos é desprezado, perde-se a noção da cidadania, necessária à resolução de problemas comuns, isto é, à função da política. Constatamos, portanto, que, embora a cidadania seja determinante dos objetivos de qualquer ação política, a distância da política, o indivíduo retrata-se ignorante de sua condição como parte de um todo e também ignorante de como sua voz pode afetar os rumos da sociedade. Sem fazer-se um cidadão, perde-se a condição de cidadão e, portanto, de agente transformador social.

Dizer que a participação é necessária não é, contudo, ignorar suas limitações nos dias de hoje. Jörn Rüchtemann, filósofo alemão, viajou criticamente em seu "Em busca da política" e encontrou envolvimento das instituições políticas, que podem sua função de qualificação, transformada ao mercado de consumo e financeiro. Assim, junto do "grupo usa-alta" alienada e apolítica, havia fatuas nos próprios órgãos políticos, intensificando o desinteresse. Tal situação não é, porém, insuperável: momentos recentes como "Linha Direta" e "Mesa contra a corrupção" nos mostram que, ainda que desfavorável, é possível não inviabilizar o compromisso.

Logo, portanto, afirmar que a participação política é, além de vital, indispensável à criação da história é, por que não, de próprio nome e de sua voz, tirada ouvida, sem participação, não há cidadania. E, sem essa, não há justiça e progresso, valores de que tanto precisamos atualmente.

A medida da insuperável participação política.

A política existe desde quando os primeiros homens decidiram se unir em sociedade e só deixaram de existir quando se extinguíram os agrupamentos sociais. Isso não quer dizer que o conceito de "política" tenha permanecido imune ao tempo e às diferentes civilizações que a praticam - cada uma experimentando diferentes tipos e níveis de política e, com isso, as demandas são maiores ou menores pela participação política.

A participação política não é insuperável, pois ela, como a sociedade, é pressuposto de existência de seu objeto. O que se tem, na realidade, são diferentes graus de sua ocorrência, quem pode participar politicamente e em que medida. Um breve apontamento histórico para a capacidade de iluminar a questão.

Na política ocidental contemporânea, quase unanimemente, impõe o ideal democrático que foi herdado da Antiguidade, imobilizado por Aristóteles. Segundo o autor grego, os homens são iguais, não havendo diferenças no peso de suas opiniões. Contudo, ainda que democrática, a sociedade ateniense continha em si a hierarquia e a ideia de igualdade não era a mesma da declaração dos Direitos do Homem - mulheres, escravos e estrangeiros não eram cidadãos, não tendo direito à participação na política.

Durante a Idade Média, a participação política se limitou à realidade, aos nobres e ao clero. Somente com as Revoluções Burguesas é que se demandou pela participação popular na política.

Dessa forma, claro está o absurdo que se é falar em superação, sendo indispensável a sua essencialidade. Resta, portanto, somente argumentar a importância da participação popular na política e os meios de incentivar essa atividade.

A política hoje é imoral. A esfera pública se mistura com a privada, muitas vezes sendo impossível distinguir seus limites. Muitos pretendem dela se afastar, pois não querem "lugar as mãos", ou não têm coragem a importância que ela tem. Muitos também são hipócritas, pois bradam seus lemas da moral assistindo ao Fantástico, mas subornam o guarda para não pagar multa. Enfim, a imoralidade se infiltrou na sociedade. Há ainda aqueles que são egoístas, que passam fome, que não têm emprego, esses não vêm na política com fim, pois o próprio Estado não os interessa.

É evidente que a participação política é indispensável, mas para que ela exista tudo tem que mudar, não só o lugar físico, mas as políticas do Estado, a educação, a cultura, o curso ao lazer, enfim, ela só ocorrerá quando o princípio da dignidade da pessoa humana for plenamente realizado. Enquanto ele for apenas algo a ser buscado, a participação popular na política continuará uma utopia criada para ludibriar a sociedade.

Prática ultrapassada

A pós-modernidade, atual período histórico defendido por sociólogos como Zygmunt Bauman, caracteriza-se, entre outros, pela profunda alienação da população em relação à política. Como causa desse processo, destaca-se a atuação da mídia, que, cujo alcance geográfico e grau de influência sobre o indivíduo vem progressivamente aumentando. Sua atuação está relacionada com a imposição de valores individualistas que visam a realidades imediatas, contrárias aos da participação política, cuja atenção está voltada para o futuro do coletivo.

Ao se comparar a mentalidade do jovem de hoje com a de 50 anos atrás, observa-se uma diferença gigante no que se refere à presença de utopias políticas. Antes, havia uma série de propostas para um mundo melhor, cujos ideais mobilizavam milhares de pessoas, como por exemplo o movimento "hippie". Contrastando com essa realidade, os jovens de hoje manifestam-se a favor de realidades superficiais, desvinculadas de ideal coletivo político, como a marcha a favor da legalização da maconha. Essa profunda mudança só foi possível graças à atuação da indústria cultural e da mídia. Enquanto esta ocupou-se em sustentar nos indivíduos valores materialistas e individualistas por meio do marketing, aquela procurou dar vazão a esses novos valores ao produzir produtos para a massa, desviando a atenção desta no que se refere aos assuntos políticos. Ademais, aliada a esses processos, atua de forma decisiva o apoio ininterrupto dos meios de comunicação em relação à atuação do Estado.

Caso um estrangeiro, desvinculado dos assuntos políticos que aqui acontecem, passasse 30 minutos assistindo televisão, certamente concluiria que o Brasil é uma espécie de "paraíso na terra", repleto de pessoas felizes, com um governo atuante e eficaz. Como que essas conclusões não seriam tiradas por acaso. A mídia atua no sentido de apoiar a latente conquista para que a população acredite que o país está em boas mãos, não sendo necessário, portanto, manifestações e revoltas. A conquista do sexto lugar no ranking das maiores economias foi repentina e exaustiva, enquanto diversos problemas foram deixados em segundo plano. Semelhante cenário pode ser observado no livro "1984", de George Orwell. Nele, por meio da atuação do Partido, conquistas como maior produção de catálogos e supérfluos em todos os lugares, comemoradas festivamente pela população descalça.

A atuação da mídia tem papel fundamental na progressiva superação da participação política das pessoas. Ao agir na formação de valores contrários ao interesse político e na legitimação das ações do governo, ela acaba alienando a população, abria o caminho para o Estado tomar suas decisões sem impedimentos. Um futuro possível desse processo é o descrito por Orwell, no qual a atuação política da população é nula; e a alienação, total.

Redação - FUVEST 2012

A participação política é um fator indispensável para que se realize uma sociedade. Quanto maior o seu índice, mais racionalizada e mais justa é a interação entre seus membros. A política atual se encontra esvaziada de participação, sobretudo, porque os modelos políticos de atuação e representação pública estão obsoletos e reduzidos e, principalmente, por conta de sua vantagem ao atual sistema de produção uma redução das liberdades individuais dos cidadãos.

O poema de Szymborska, numa lógica Brechtiana, demonstra o quanto, mesmo que involuntariamente, todos já estão inseridos num processo político, que queriam ou não. O que interessa, pois, é sobre o quanto as pessoas estão se apropriando de seus direitos e responsabilidades coletivas. Assim, levando em conta os ideais de Brechtmann expostos no enunciado, nota-se o quanto a política atual se reduziu por conta de ~~obsoletos~~ os modelos de participação herdados do século XX, como a greve, por exemplo, já não serem capazes de representar as situações e demandas atuais.

Isso dá a falsa impressão de que já não é necessário participar dos processos coletivos de forma politizada, o que fez com que as pessoas lutem cada vez menos por seus direitos e liberdades individuais e coletivas e, assim, se adequem mais facilmente aos padrões de conduta impostos pela classe que comanda a produção. A vida política passa a ser regulada pelos parâmetros do sistema de produção: os valores do mercado; ela não se define mais pelo acordo entre os interesses das diversas classes.

É como se, depois da Guerra Civil, ao invés de ter um mundo plural e multipolar, nos encontrássemos diante de simples variações em torno de uma única diretriz: os interesses da classe que detém os meios e as formas de produção. Seja preciso, então, retorne o valor original - aristotélico - do termo, considerando-o novamente como ciência que tem por objeto o bem do homem e, ainda, revesti-lo a revestir com formas de atuação que não as do século passado - que garantiram sua função no mundo contemporâneo.

A atualidade da política e a falácia do "fim da História"

O dramaturgo alemão Bertolt Brecht, no famoso texto "O analfabeto político", defende que o pior tipo de ignorância ou "analfabetismo" é a negação da política, pois dessa negação derivariam todos os outros males da sociedade, que teriam raiz na não-participação do indivíduo na decisão dos rumos da vida social na qual está inserido. Essa visão de mundo, também compartilhada por Uslar-Liberman ~~de~~ Zyzmberoka em seu poema, já foi colocada como apenas um vestígio de uma época em que a política fazia sentido, sendo ela obsoleta no mundo atual, um mundo supostamente "pós-moderno" onde o desenvolvimento tecnológico nos marcos da economia capitalista e da democracia liberal trataria de resolver todos os impasses desse mesmo modo de viver.

Porém, um olhar sobre a realidade objetiva permite ao sujeito crítico constatar sérias fissuras na tese do "fim da História" e ser colocado diante de contradições fortes, como um Hamlet que descobre algo podre no reino da Dinamarca, sendo a Dinamarca agora o mundo globalizado. A desregulação de mercados financeiros gera a pior crise desde 1929, crise essa que é combatida sem que se abale a hegemonia das estruturas de poder perversas que se lapam a democracia na Europa esclarecida, substituindo a vontade popular por programas definidos pelos mercados, demonstrando a falácia das instituições apontada por Bauman e causando novas formas de mal-estar na cultura. Não à toa, a depressão já é a patologia escolhida como "mal do século".

Nesse pano de fundo, 2011 pode ser entendido como um ano de renascimento, tendo as ruas do mundo visto as maiores manifestações desde 1968, indo na contramão dos que postulam que a política morreu. Mesmo em condições adversas a participação popular aparentemente adormecida acordou e tende a se firmar cada vez mais como forma de consciência global. De o História acabou com a queda do Muro de Berlim, o fim da História acabou quando um homem ateou fogo ao próprio corpo no final de 2010 em Túnis, dando início às revoltas latizoadas de Primavera Árabe. Protestos tunísios, líbios, egípcios, gregos, "Indignados" espanhóis, Occupy Wall Street e tantos outros, então, não para, nos mostram que a participação política no século XXI não só tem e merece bastante espaço, mas também como disse Aristóteles, ~~é~~ ^{foi} ~~foram~~ e sempre será indispensável.

Participação política: direito ou dever?

"É aceitável um cidadão não se interessar por política, todavia ele sempre será governado por aqueles que se interessam." Essas palavras de Platão que estão alhies à política não era uma opção nas pólis gregas. Além disso, na antiguidade clássica, o direito à participação política não era apenas visto como uma possibilidade, mas como algo honroso e necessário para a manutenção de uma sociedade justa e democrática. Apesar de tal regime democrático ter sido substituído por outros ao longo do curso da história e apenas ter sido reconstituído no Brasil na década de 80, nunca perdeu seus nobres ideais de justiça e igualdade perante a lei. Mesmo assim, em nosso país, o interesse pela política dos cidadãos brasileiros diminuiu exponencialmente. Esse fato representa que a superação da participação política ou ela continua indispensável?

A perda do termo "farinha do mesmo saco" tem sido criada na Segunda Imprensa, ainda mesmo sem a situação partidária cotidiana. Partidos políticos sem ideologia ou com ela difusa não apenas uma parte da relativização política que faz o brasileiro crer que realmente não há nenhuma diferença significativo entre os políticos. Assim, junto com a determinística característica de conformidade comum ao brasileiro, o fato de todos os partidos parecerem o mesmo leva à uma aparente superação do direito do voto. ~~Felizmente,~~

Felizmente, ainda há motivos para ter esperança. Incentivador pelos monumentos de liberdade que ocorrem em todo o mundo, como a Primavera Árabe, é cada vez maior o número de jovens que saem às ruas para protestar com a demanda política do Brasil e exigir mudanças. Apesar de serem manifestações sem um objetivo concreto e sem meios ou recursos para efetivá-las, esses jovens exigem o maior direito democrático; o de serem ouvidos e terem a poder para poder mudar seu próprio futuro.

Assim como Winston Churchill disse, não há deus que não exista forma de governo melhor que a democracia. Ela é, com certeza, o meio mais justo de governar e que propicia iguais oportunidades à todos. Não se deve, entretanto, se manter alhies às decisões do senado, câmara, etc. Serão esses medidas que influenciaram diretamente todo o país. Por isso, é indispensável que todos colorem o direito de manifestar suas opiniões e ser ouvido, para que assim a sociedade alcance o progresso unido.

01 Todos juntos somos forte

02 Dentre as turbulências ocorridas no ano de 2011, a movimentação
03 popular reivindicando governos democráticos em países como Síria e
04 Egito teve um papel de destaque no cenário mundial. O êxito na lu-
05 ta contra esses ditadores só foi possível graças à mobilização e ao
06 engajamento político da população local. Esse fato nos mostra como
07 a participação política é indispensável, e que ela pode sim mudar
08 a realidade de um país.

09 Tal engajamento político é hoje renegado por grande parte
10 das pessoas. Esse fato e muitos outros giram em torno de uma ques-
11 tão crucial que é: vivermos em um mundo regido pelo consumo e pelo
12 mercado financeiro. Em seu livro Amor líquido, Zygmunt Bauman
13 deixa claro como o consumismo e o individualismo afetam as rela-
14 ções interpessoais. Deixamos o pensamento coletivo de lado para nos
15 dedicar somente em benefício próprio. E sem pensamento coletivo
16 não existe política.

17 Essa influência do mercado financeiro é, de fato, uma
18 limitação à prática democrática. Diversos elos de interdependência
19 são estabelecidos. A mídia instiga o consumo, o consumo controla
20 a produção, e esta rege o mercado financeiro de ações. Esses são
21 alguns elos de uma corrente que permanece fechada ao povo, que
22 não se sente controlando nada.

23 A sensação de exclusão política gera cada vez menos volun-
24 tade de interferir nesse assunto. É muito mais cômodo alegar-se ape-
25 lítico do que angariar esforços para mudar a situação atual. A vontade
26 de da população deve prevalecer sobre a do poder público. Esqueçamos
27 que somos a maioria e a vantagem que isso pode nos trazer.

28 O principal obstáculo a ser vencido para aumentar a
29 vontade das pessoas de participar da política é o individualismo.
30 Somente com a força coletiva conseguiremos abrir os elos daquela
31 corrente que parecia tão fechada à população. Um exemplo
32 dessa abertura foi a tão comentada Primavera Árabe. Países como Síria
33 e Egito, considerados por muitos como atrasados, deram uma aula de par-
34 ticipação política e mostraram como a coletividade pode fazer a diferença.

O fim das utopias pode engajamento

"O problema da sociedade é que ela para de se questionar", diagnosticou o sociólogo polonês Zygmunt Bauman, em seu livro Modernidade Líquida. Pode-se, a partir do diagnóstico, fazer uma analogia com a situação da questão política no mundo: dado o nível de acomodação das pessoas, elas raramente questionam o modo como a política é feita, ao menos que este lhes seja danoso. Porém, sendo o homem um ser político - ou seja, a política quase que naturalmente - cabe a ele a responsabilidade pela mesma: é indispensável sua participação nela.

A criação da política pelo indivíduo parte de ideias de cunho contratualista, em que este se submete a alguém que detém o poder para manter organizada a sociedade em que vive. Assim, nasce também a acomodação: enquanto as atitudes daquelas que detém o poder convierem ao indivíduo, tem-se o pensamento errado de que qualquer participação política é desnecessária. Desmembram-se ideologias e são mínimas as quer reivindicar. Basta, contudo, que se atue algum privilégio político do sujeito para que ele se mostre engajado e disposto a mudar a ordem vigente, valendo-se do argumento que a política deve se basear em seus interesses - de maneira geral, e parte mais ideológica do mesmo é o próprio bem.

Qualquer efeito sobre a economia tem repercussões diretas sobre a política; o que foi bem observado no Brasil: com o fim do "mito do brasileiro" da Era Médici, tem-se a queda do regime militar. Essa associação quase imediata decorre do deslocamento do poder, na era pós-moderna em que o mundo se encontra, do esfera pública para a privada. Grandes conglomerados financeiros orientam decisões que afetam sociedades, ocupando o lugar do povo na política, sendo que isto pertence a quem a cria, ou seja, aos próprios indivíduos. Diante do que Z. Bauman chama de "fim das utopias", em que os ideais iluministas não são mais viáveis às sociedades, é o engajamento político que ordenará as ordens mundiais que estão por vir, já que tudo o que toca ao financeiro é este momento fluído e pode ruir a qualquer momento.

Em uma era pós-moderna, em que a economia volátil subjuga a esfera política, a participação do indivíduo nesta é, portanto, indispensável. Não só para eventuais reivindicações, mas pela responsabilidade do mesmo sobre aquilo que cria e para que a ordem seja mantida diante das imposições do capital. Parafraseando Jean-J. Rousseau, "O povo é o único soberano" - e o único capaz de controlar a fluída sociedade em que vivemos.

A política está morta?

A fraguição de um Estado está atrelada à sua estrutura política. No entanto, no observo o mundo de hoje, e claro o movimento de despolitização em detrimento da lógica do consenso e do mercado financeiro. Tal processo é negativo para a sociedade, uma vez que a maneira mais eficaz de promover mudanças efetivas é o engajamento político por parte dos habitantes de um país.

Ajiles Lipovetsky, no texto "Nascido Sob Medida", de seu livro "O Era do Vazio", discute as causas desse processo de despolitização. De acordo com o filósofo, um conjunto de acontecimentos históricos como a guerra do Vietnã, o terrorismo, a disputa nuclear e crises econômicas tornam levando a uma descrença nas figuras políticas. Dessa forma, o desejo de alcançar um mundo melhor de maneira coletiva, tão presente na década de 1960, é deixado para trás e as pessoas mergulham em um processo de individualização narcisista. O "eu" é colocado em primeiro plano e a política é deixada para trás de lado, levando à alienação.

A partir das ideias de Ajiles conclui-se que a atitude de indiferença das pessoas quando se trata de política não é um fato recente. Além disso, essa atitude é intrinsecamente prejudicial pois uma vez que alheio o indivíduo nem sequer reflete sobre a responsabilidade do voto. Consequentemente, a classe representativa corruptora que se deixam mais insatisfeitos e frustrados com o universo da política, como em um ciclo vicioso. A má atuação dos representantes torna-se argumento para não se envolver em política tomar política.

No entanto, não é correto afirmar que a participação política foi superada. No ano de 2011 uma série de revoltas eclodiram ao redor do planeta. Iniciadas por um comerciante que ateu fogo no próprio corpo como forma de protesto em suas condições de vida na Tunísia, os movimentos se disseminaram e levaram à queda de governos autoritários, tanto no Egito quanto na Líbia.

Dessa forma, apesar do distanciamento da sociedade em relação à política, sua importância continua sendo insubstituível fundamental para o funcionamento de um país (como já era evidente no Grécia Antiga). Não se pode afirmar que a participação política foi superada, pois é ela a responsável por promover mudanças efetivas nas estruturas sociais, como ocorreu no ano de 2011 no mundo árabe. É necessário resgatar a tradição política que foi se perdendo a partir do fim da década de 1960 pois ela faz parte da história da humanidade e essa está hoje.

O caminho da liberdade

A maneira de pensar do ser humano sofreu uma reviravolta na Grécia Antiga, quando, ainda que gradualmente, os mitos deixaram de sustentar a autoridade de um cidadão. Com isso, para fazer valer sua vontade nas decisões da pólis, o homem grego precisou adaptar-se a uma nova prática: a política. A partir de então, graças à influência do pensamento grego no mundo ocidental, a política tornou-se instrumento básico para qualquer ser humano que quisesse ser livre. O mundo foi moldado por uma maneira de pensar, e mudou tanto que, ironicamente, hoje muitos querem distância da política, e que levante a seguinte questão: qual é a real importância do envolvimento político hoje?

O cidadão que não se preocupa com política abdica de sua liberdade. Jean Paul Sartre, filósofo francês autor de *Os Caminhos da Liberdade*, descreve perfeitamente como a apatia é uma prisão que só pode ser superada com o envolvimento político. Mathieu, personagem que buscava ser livre evitando comprometer-se, não alcança a liberdade quando finalmente dedica-se a uma causa. É assim a sociedade humana, é o direito de opinar sobre os rumos da nação que faz de um cidadão livre. Ao delegar essa função a outros, perde-se o controle sobre a própria vida.

A apatia política é origem de todos os problemas sociais. É notório como muitas coisas como a corrupção e a miséria, no lugar de causar revolta, trazem o conformismo, pai da postura apolítica. Assim, cria-se um círculo vicioso, em que a sociedade aceita os mesmos erros com cada vez mais passividade, com o velho discurso "É assim mesmo, fazer o quê?". Deve pensarmos sempre o menor de nós, o desemprego e a fome, que o apolítico rapidamente colocará na conta dos políticos, esquecendo-se que sua ignorância política é que deu poder a eles.

Nota-se então que a política mantém-se como ferramenta fundamental para transformar o mundo, mas que o homem moderno já não se dá conta de seu poder. Ao invés de lutar contra a corrente de decisões e rumos errados, o cidadão de hoje se deixa afogar no próprio conformismo e apatia.

A política como base às ações humanas

01 Ao se analisar o estágio atingido pela evolução da sociedade moderna, percebe-se que
 02 houve mudanças significativas ao longo do tempo. Uma delas refere-se à configuração das prá-
 03 ticas políticas, cuja alteração mais notória relaciona-se aos grupos detentores do poder político. A
 04 presença praticamente indissociável do capitalismo na vida social elevou as grandes empresas
 05 ao topo do patamar político, subjulgando-lhes as nações. Essa inversão, no entanto, não caracte-
 06 riza a separação do homem de seu aspecto político — apenas representa a nova disposição da
 07 dinâmica social, que é essencialmente pautada na lógica capitalista.

08 Deve-se compreender que o pensamento político embasa as atividades humanas. Nas palavras
 09 de Aristóteles: "a ciência mais imperativa e predominante sobre tudo é a ciência política".
 10 Essa afirmação valida-se na medida em que o homem constitui-se fundamentalmente de um
 11 aspecto político, a partir do qual coordena suas demais atividades. Percebe-se que essa
 12 coordenação manifesta-se em duplo âmbito: um de pequena ordem e outro de grande ordem.
 13 O primeiro refere-se às ações cotidianas, as quais compõem um verdadeiro corolário de pa-
 14 drões éticos, definidos por Jean-Jacques Rousseau a partir do "contrato social", e representam desde
 15 o respeito à hierarquia familiar até o bom comportamento em pública. O segundo refere-se às
 16 ações do universo capitalista, que são protagonizadas pelas grandes corporações. Nesse caso, também
 17 se percebe que o modo de interação intercorporativa está pautado em um conjunto de normas,
 18 cuja origem é essencialmente política.

19 Definido o campo de atuação das ações políticas, deve-se entender a mudança que sofreram
 20 na modernidade. Em sua obra "Em busca da política", Zygmunt Bauman afirma que as "insti-
 21 tuições políticas vigentes" abandonaram seu papel de "propostoras de doutrinas" e passaram — no poro
 22 "forças essencialmente não políticas — primordialmente as do mercado financeiro". Há de se perce-
 23 ber que houve o abandono mencionado pelo autor, no entanto o fato do político passar a
 24 ser regido por grupos que não são tipicamente políticos não caracteriza o fim dele. O que
 25 ocorre é uma mudança no paradigma da dinâmica social, de modo a se reclassificar o que é ou
 26 não político. Esse transição é perceptível ao se analisar a atual crise do mercado financeiro, e qual resultou
 27 no endividamento de diversas empresas e no consequente auxílio estatal. Percebe-se que, embora tais empresa contro-
 28 lem a dinâmica global, as práticas políticas, mesmo que do Estado, ainda são necessárias à manutenção de ordem do sistema.

29 As ações políticas sofreram modificações que seguiram a evolução da sociedade. Deve-se compre-
 30 tender que o estágio de configuração capitalista transformou as grandes empresas em detentoras do poder
 31 político. Essa transição, contudo, não deve ser vista como o fim do político, mas como uma mudan-
 32 ça na ordem da dinâmica social, uma vez que as práticas políticas pautam as demais
 33 atividades da sociedade e a elas dão base.

Política personalizada

A representação gráfica da participação política ao longo do tempo assemelha-se a uma comunidade: momentos de pico, com alta participação, intercalados por períodos com comportamentos apolíticos. Em nenhum momento, entretanto, pode-se considerá-la dispensável. O fato da sociedade encontrar-se omatérica à política e os apelo coletivos não significa que ela tenha se tornado desnecessária para a organização de uma comunidade.

O filósofo francês Gilles Lipovetsky caracteriza o indivíduo pós-moderno como monárquico em sua obra Narciso sob medida. De acordo com Lipovetsky, a sociedade pós-ditada de 1960 começou a falhar nas lutas sociais e passou a focar nas ações individuais. Assim como Narciso, na mitologia grega, o sujeito pós-moderno vê e admira apenas a si mesmo. É nesse contexto que ele torna-se indiferente aos coletivos e, consequentemente, à política.

A política é uma ferramenta fundamental para uma sociedade, pois é ela que define as direções de um povo. Enquanto a parte de discussões não interessa à maioria, há a tendência de omitir-se politicamente. Ocorre, às vezes, de vontade individual coincidir com a pública e é durante esse fenômeno que encontra-se a maior taxa de desenvolvimento social, comparativamente à ação afirmativa unicamente estatal. Isso comprova que, apesar do atomismo político, a sociedade não consegue se desencilhar da política.

Há, no mundo, diversos exemplos que comprovam isso. A sociedade estadunidense, vista como a mais consumista e individualista de todas, foi de votar em 2008 para eleger Barack Obama e por fim à destituição Bush. Mais recentemente, a sequência de movimentos populares no Oriente Médio e norte da África - a Primavera Árabe - pôs fim a ditaduras de quase 30 anos. Os motivos não eram inicialmente políticos, mas a ~~ação~~ ~~com~~ ~~respost~~ ~~ta~~ ~~sim~~: o que o governo oferecia não mais agradava.

A participação política está intimamente relacionada aos anseios individuais. Não é mais a política das massas, agora é a era da política personalizada. O indivíduo pode encontrar-se indiferente ao bem comum e isso não irá impedi-lo de ir às ruas em prol do que quer. Basta que dentro de si coexista o atomismo político e o hedonismo pós-moderno.